



OS JOGOS DE LINGUAGEM DE WITTGENSTEIN COMO ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO

Juliene da Silva Marques Cardoso*

Resumo: O artigo terá como substrato a exploração dos jogos de linguagem de Wittgenstein no rap intitulado Artigo 157 do grupo Racionais MC's. Será examinada a prática dos jogos em contextos sociais marginalizados, por meio de composições narrativas que registram o uso da linguagem como forma de proteção e de identificação desses grupos. Perscrutar-se-á a dinâmica dos jogos, considerando constituintes todos os elementos histórico-sociais na construção e enunciação dos códigos linguísticos. Para tanto, esquadrinhar-se-á a teoria filosófica de linguagem de Wittgenstein, assim como bibliografias que estudam as Investigações Filosóficas do autor, aplicando-as ao rap citado. Também serão analisados artigos que investigam as especificidades linguísticas do entorno selecionado. Dessa forma, este estudo pretende avaliar a concepção de linguagem wittgensteiniana como elemento protetor e identificador de determinados grupos sociais.

Palavras-chave: Filosofia da Linguagem. Wittgenstein. Jogos de Linguagem.

INTRODUÇÃO

Os estudos filosóficos acerca da linguagem exercem papel crucial para o entendimento do homem enquanto ser social. Diversas teorias foram desenvolvidas a respeito da utilização dos códigos linguísticos estabelecidos nos processos comunicativos. Neste artigo, abordaremos as contribuições de Wittgenstein (1994) em seu estudo sobre *jogos de linguagem*.

Wittgenstein buscou teorias para tratar da linguagem e de sua essência. O livro que marca sua primeira fase *Tractatus Logico-Philosophicus*¹ aborda a linguagem sob um aspecto positivista, procurando desenvolver a questão lógica da língua. Já em sua segunda fase, na obra *Investigações Filosóficas* (1994), é apresentado um novo olhar sobre a linguagem e sobre suas formas de construção.

O autor defende, nesta segunda fase, que a língua se constitui conforme o contexto e as relações comunicativas que estabelecemos. Dessa forma, os códigos não teriam um único conceito, ou ponto de referência, mas sim uma diversidade de sentidos, que seriam estabelecidos a partir da dinâmica linguística. Os *jogos de linguagem* seriam estabelecidos pelos homens, estes criariam regras e formas de uso a partir de suas enunciações. De acordo com Wittgenstein:

Podemos imaginar também que todo o processo de uso de palavras em (2) seja um dos jogos por meio dos quais as crianças aprendem sua língua materna. Quero chamar esses jogos de “*jogos de linguagem*”, e falar de uma linguagem primitiva às vezes como de um jogo de linguagem. E poder-se-ia chamar também de jogos de linguagem os processos de

* Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Unisul. Bolsista da FAPESC.
E-mail: juliene.marques@hotmail.com

¹ WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 2001.



dominação das pedras e de repetição da palavra pronunciada. [...] Chamarei de “jogos de linguagem” também a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada (WITTGENSTEIN, 1994, p. 19).

Iremos abordar essa construção de sentidos desenvolvida a partir de determinados contextos histórico-sociais. Analisaremos o processo constitutivo dos jogos e sua aplicação no cotidiano. Esquadrinharemos, especificamente, a função da linguagem como “escudo” de proteção e de identificação em meios sociais marginalizados. Analisaremos o rap intitulado Artigo 157, do grupo Racionais MC’s, com o intuito de destacar o funcionamento dos jogos estudados pelo filósofo. Para tanto, utilizaremos a pesquisa explicativa e a abordagem qualitativa, coletando os dados bibliograficamente por meio de materiais teórico-filosóficos.

TUTORIAL

Os *jogos de linguagem* metaforizam o funcionamento da língua, Wittgenstein destaca diversos aspectos de sua utilização e interpretação, conforme a produção estabelecida. O autor trabalha a partir de uma perspectiva histórico-filosófica da compreensão usual da linguagem. Ele parte da teoria agostiniana, conhecida através da obra *Confissões*, que explica o funcionamento da língua através de uma abordagem primitiva. Santo Agostinho esquadrinha o processo comunicativo baseado no aprendizado infantil, sublinhando a apreensão das primeiras palavras, processo no qual os códigos são apresentados e conceituados a partir de objetos ou formas específicas de significação. Segundo Wittgenstein, “nesta imagem da linguagem encontramos as raízes da ideia: toda palavra tem um significado. Este significado é atribuído à palavra. Ele é o objeto que a palavra designa” (1994, p. 15).

Wittgenstein, em *Investigações Filosóficas*, teorizou a linguagem a partir de uma nova abordagem, pois através dos *jogos de linguagem*, as variadas formas de elaboração e de significação da língua são constitutivas, o que autonomiza a produção linguística. Segundo Santos, “tal ponto de vista contribui, significativamente, para a Filosofia da Linguagem, ao postular que o significado das palavras não depende daquilo a que elas se referem, mas de como elas são usadas” (2010, p. 03). Dessa forma, não basta saber o conceito denotativo das palavras, pois a forma como ela será enunciada é que direcionará o seu sentido.

Wittgenstein (1994) destaca que, para além do sentido, frases com códigos idênticos podem estabelecer diferentes significados, já que a forma de sua produção e, até mesmo sua entonação, podem modificar seus efeitos de interpretação. A palavra passará a ter significado a partir das relações estabelecidas – a relação do emissor com o receptor e desses com o mundo. Segundo Prado Jr. (1996) o *jogo* será alterado, conforme estabelecermos novas regras:

Um jogo de linguagem permanece o mesmo, mesmo se as proposições nele consideradas verdadeiras passam a ser consideradas falsas e vice-versa. Mas se o bloco ou o aglomerado das proposições polares – a mitologia de base – muda, não mais se pode dizer que jogamos



o mesmo jogo e que nos banhamos no mesmo rio. Não é que o mundo se revele volúvel, *mobile quale la donna*, apenas nós mudamos as regras de nosso jogo e, com elas, nossa forma de vida (PRADO JR., 1996, p. 118).

A partir dessa perspectiva, destaca-se que a comunicação é realizada através das interações entre os locutores, e estes serão os responsáveis por atribuir valores aos códigos enunciados. Segundo Santos, “as palavras têm que pertencer a uma linguagem e a um contexto, para realmente serem a expressão do pensamento voltado para aquela pessoa com quem se pretende comunicar (jogar um jogo de linguagem)” (2010, p. 02). A mudança, característica indissociável à natureza humana, será atribuída aos *jogos* a partir desse contexto interativo, pois, assim como as relações estabelecidas no cotidiano, as formas de comunicação também serão múltiplas e instáveis. Quanto à volubilidade da linguagem, Wittgenstein utiliza a metáfora da cidade:

Podemos ver nossa linguagem como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas velhas e novas, e casas com remendos de épocas diferentes; e isso tudo circundado por uma grande quantidade de novos bairros, com ruas retas e regulares e com casas uniformes. (1994, p. 23).

De acordo com o filósofo, as palavras podem ser pronunciadas por diferentes pessoas, através do mesmo código. Contudo, o sentido desse uso variará, pois cada emissor poderá utilizar esse signo por meio de diferentes *jogos*. Essa variação do signo linguístico é perceptível em todos os meios de comunicação. Além do sentido usual e (in)consciente do *jogo*, percebemos essa dinâmica, constantemente, em obras artísticas como poemas e canções. Nesse caso, observa-se que não serão todos os apreciadores que jogarão a partir das regras “estabelecidas”, mas, em todo caso, estarão diante à palavra em sua metamorfose conceitual.

Os *jogos de linguagem* são inerentes à vida humana e estão presentes nos diferentes contextos linguísticos da sociedade. Em diversos meios sociais, regras são “estipuladas” com o sentido de codificação dos signos utilizados, como forma de proteção e identificação dos jogadores. Esse é o caso da linguagem desprestigiada de presídios, favelas, comunidades envolvidas diretamente com o tráfico de drogas e com a violência.

ESTABELECIDO AS REGRAS DO JOGO

Por meio dos estudos linguísticos, podem-se constatar na *fala* diversos elementos contextuais do falante. Além dos aspectos fonéticos e das diferenças regionais presentes nos enunciados, nota-se uma diversidade semântica na prática enunciativa.

A linguagem é eminentemente um fato social; ou seja, ela é o reflexo dos acontecimentos externos, tais como: os avanços tecnológicos, as modificações sociais, a escolaridade, o gênero e a idade; pois cada fase da vida utiliza-se vocábulos diferentes, e para cada nível de escolaridade também e assim por diante (MATSUMOTO; MACEDO, 2011, p. 18).



Nos estudos filosóficos de Wittgenstein, examina-se a prática dos *jogos de linguagem* presentes em todo o meio social, visto que é desta forma que nos comunicamos. As variações linguísticas, como gírias e dialetos, são também manifestações do *jogo* cotidiano das palavras. A partir desse fator, percebemos que, muitas vezes, as regras dos *jogos* são realizadas objetivamente, como na linguagem da violência e do tráfico de drogas.

O contexto dos enunciadores constituintes desses grupos marginalizados promove a linguagem como proteção e como identificação, pois, devido às perseguições resultantes dos crimes praticados, os envolvidos estabelecem códigos objetivos. Para participar dos *jogos de linguagem*, é preciso aprender, treinar e praticar a dinâmica (WITTGENSTEIN, 1994). Novos integrantes serão incluídos através da identificação com o grupo. A linguagem é a forma de estabelecer esse vínculo.

Observa-se que a linguagem é uma das armas poderosas de sobrevivência dessa comunidade, com seus signos. Um sistema arbitrário de símbolos usados para representar ideias, pensamentos que expressam a realidade em que esses sujeitos estão socialmente inseridos. (CASTELLIANO, 2014, p. 15).

Através de Wittgenstein, percebe-se que diferentes grupos de pessoas podem usar vocabulários idênticos, contudo, a divergência será evidenciada no sentido pragmático. As comunidades marginalizadas pela alta sociedade empregam diversos códigos linguísticos, renovados pelos sentidos que lhes são atribuídos. Segura (2014) conceitua algumas palavras integrantes da “linguagem da malandragem”:

Berro: revólver;
Bicuda: faca;
Bomba: celular dentro dos presídios, o mesmo que “diretinho”;
Braço: pessoa de confiança (talvez redução de “braço direito”);
Brinquedo: arma;
Estoque: arma improvisada;
Faculdade: penitenciária;
Fazer: matar;
Fissura: desejo incontrolável;
Fita: qualquer atividade (“estou na fita”);
Macaca: metralhadora;
Parada: assalto (resolver uma parada = fazer um assalto);
Pino: fuga (estou de pino = estou foragido; vou dar um pino = vou fugir);
Porco: guarda da cadeia;
Presunto: defunto;
Preto: maconha;
Psicopata: tarado sexual.

Através desses exemplos, percebe-se o funcionamento dos *jogos de linguagem*, pois, para a prática do *jogo*, é necessário conhecer e saber aplicar os códigos estabelecidos. Por exemplo, na frase “Saí da faculdade”, a princípio, poderia se



imaginar que alguém concluiu ou trancou um curso superior. Mas, perante os conceitos do vocabulário acima, a mesma oração indicaria que alguém saiu do presídio, o que transmite um sentido totalmente alternativo. Esses códigos servem como camuflagem e proteção em diversos processos comunicativos (ligações telefônicas, mensagens, etc.), evitando a autodenúncia. Dessa forma, destaca-se que somente é possível compreender o sentido da comunicação, quando se conhece a linguagem que está sendo aplicada.

A maioria dos grupos sociais desenvolve termos ou expressões particulares a seu universo. Tais termos são uma espécie de especialização da linguagem. Isto é, especificam uma ideia a ser transmitida dentro de um conjunto e para um grupo. Depois, expandido em uso, o vocábulo segue para a linguagem do cidadão comum, quando assimilada pela sociedade (SEGURA, 2014).

Como citado pelo autor, a prática dos *jogos* torna o sujeito habilitado para o desvendamento desses códigos. Com a evolução da língua, essas regras se tornam intrínsecas ao indivíduo, e o que era “novidade” passa a ser conceito comum no cotidiano. Porém, no mesmo momento, novos preceitos são criados, o que acusa a inacessibilidade da totalidade dos sentidos dos signos linguísticos. Quanto a essa perspectiva, Santos corrobora:

Os jogos de linguagem envolvem duas perspectivas integradas e distintas: a perspectiva do sujeito emissor e a perspectiva do receptor ou interlocutor. Os jogos são criações da vontade dos indivíduos, são, portanto, autônomos e governados por regras. Saber jogar um jogo é uma capacidade que supõe o domínio de uma técnica consecutiva a uma aprendizagem. O que faz um indivíduo aceitar as regras de um jogo é a crença que ele tem na verdade e utilidade desse jogo. Segue-se a regra e joga-se bem. As pessoas são adestradas, treinadas, e, finalmente, familiarizadas com a prática do jogo (2010).

A partir dessa familiarização, passamos a observar esses “novos” códigos nos diversos meios de comunicação, assim como nas obras de arte, que também serão reflexos dos *jogos de linguagem* nos diferentes nichos sociais.

PLAY

No exercício da linguagem, estamos constantemente em atividades dinâmicas, e somos expostos às novas regras rotineiramente. Os *mass media* e as obras de arte, como a literatura e a música, são grandes responsáveis pela disseminação dos novos preceitos. Dessa forma, pode-se concluir que, através desses meios, a linguagem e seus *jogos* perpassam por diversos círculos sociais, demonstrando as diferentes práticas linguísticas existentes.

Nas comunidades marginalizadas, onde há grandes índices de tráfico, uso de drogas e violência, percebe-se a manifestação narrativa histórico-social a partir da composição. Crônicas históricas são registradas por meio de canções, e estas refletem a dinâmica linguística presente nos variados dialetos. As composições, apesar de



singulares, estruturam-se de forma semelhante à narrativa literária, pois, geralmente, apresentam todos os elementos necessários para o gênero.

Para analisarmos visualmente os *jogos de linguagem* em sua prática, será examinado um recorte da letra de *rap* (*Rhythm and poetry*) do grupo Racionais MC's, intitulada *Artigo 157*. A composição narra momentos diversos da vida de um ladrão que reside em uma favela. Destacaremos, neste artigo, somente a passagem que reflete o conflito gerado a partir da linguagem:

(P1) Lembra aquela fita lá João, o bico veio ae, mó cara de ladrão.

(P2) “Como é que é rappa, calor do caraio, se sabe, deixa eu fuma, passa a bola Romário”.

(P3) Hum, meio confiado, né, hé, eu percebi, pensei ó só, que era truta seu, ó milho.

(P2) “E despedi o canal, que vende isso e aquilo, quem é, **quem tem M pra vende, quero um kilo**”.

(P3) “Um kilo de que Jhow, se conhece quem”

(P2) “Sei lá, sei não, hein, eu sou novo também”.

(P3) Irmão, quando ele falo, um kilo, é o deixo, é o milho, a micha caiu,

(P1) Mais onde é que já se viu, assim, tá de piolhagem, não vai, daqui ali, mó chavão, nesse trajés.

(P3) **De óculos escuros, bermuda e chinelo, o negão era polícia, irmão, mó castelo** (RACIONAIS MC'S, 2014, grifo nosso).

A enunciação é realizada mediante três personagens explícitos (P1, P2 e P3). P1 e P3 conversam diretamente, relembando uma ocasião passada. P3 relembra a sua fala e as enunciações de P2, que são inseridas como um discurso pretérito, caracterizando o tempo psicológico e a não linearidade da narrativa.

Nesse recorte, percebe-se que o possível policial P3 estava infiltrado no ambiente das demais personagens. Para se aproximar desse meio, foi necessário adquirir conhecimento a respeito dos *jogos de linguagem* estabelecidos pelo grupo. A prática da dinâmica foi realizada com sucesso até um determinado momento, pois quando P3 pergunta quem tem “M” (maconha) para vender, e solicita um quilo da droga, a personagem denuncia a sua verdadeira posição, descontextualizada. É importante destacar que esse entorpecente é vendido em gramas e, dificilmente, no contexto citado, alguém compraria um quilo da droga.

A maconha é vendida em quantidades pequenas para consumo imediato – em sacos plásticos a R\$ 1, R\$ 2, R\$ 5, R\$ 10 e R\$ 15 –, na “pista” os compradores optam por adquirir quantidades maiores, que garantem mais tempo de consumo e diminuem as ocasiões e riscos de uma “dura” da polícia (ANTIDROGAS, 2014).

Observa-se, na citação acima, o uso de gírias usadas em ambientes sociais marginalizados, como “pista” (fora dos morros da favela) e “dura” (abordagem pessoal), que também manifestam diferentes *jogos de linguagem*. A passagem da composição examinada destaca que não basta somente estudar a estrutura do *jogo*. Para estar apto, deve-se praticar a dinâmica e se envolver com o ambiente em que ela é gerada.



O fato de a linguagem conter uma ação implícita em seu conceito denota que tudo o que se refere ao conceito também está em permanente atividade, e relacionada diretamente com a forma de vida, que podemos dizer que é o local onde a linguagem encontra subsídio para sua ação (TORREZAN, 2000).

A partir da análise desenvolvida, percebemos que, em diversos meios, os *jogos* são estabelecidos como uma forma de proteção e identificação. Pois, como observado na passagem esquadrinhada, os envolvidos no discurso puderam perceber o “invasor” através da linguagem, que se torna um “escudo” em ambientes marginalizados. Todos os indivíduos desenvolvem uma forma de viver e é a partir dessas vidas, vidas em movimento, que os *jogos de linguagem* se manifestam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos estudos filosóficos da linguagem, podemos perceber as diversas formas e meios com que o homem realiza a comunicação. Estar ciente desse processo é de extrema importância, para compreender as diferentes manifestações linguísticas. Por meio da teoria wittgensteiniana, em *Investigações Filosóficas*, é possível observar como o sentido dos códigos é estabelecido nos processos comunicativos, a partir dos *jogos de linguagem*.

Neste artigo, observou-se que, para além dos sentidos, a dinamicidade da língua também proporciona, mesmo que inconscientemente, identificação e proteção. Pode-se perceber que as palavras denunciam nosso contexto histórico-social e, para mudar de “cenário”, é necessário ambientar-se e praticar as novas regras estabelecidas.

Estamos intrinsecamente relacionados à linguagem, a constituímos e somos constituídos por ela. Apesar dessa essência, nunca teremos uma totalidade linguística, pois, assim como nós, a língua e sua dinâmica estão em constante movimento e manifestação. Contudo, podemos estudar esses códigos mutantes, examinar suas regras e nos preparar para os novos desafios que os *jogos de linguagem* irão nos proporcionar.

REFERÊNCIAS

ANTIDROGAS. Preço da maconha no Rio contraria economia e não sobe. Disponível em: <<http://www.antidrogas.com.br/mostranoticia.php?c=6288&msg=Pre%E7o%20da%20maconha%20no%20Rio%20contraria%20economia%20e%20n%E3o%20sobe>>. Acesso em: 31 out. 2014.

CASTELLIANO, Tânia Regina. Linguagem e poder: uma análise da inserção do falar dos meninos do tráfico em diversas práticas comunicativas. *PROLING*. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11440>>. Acesso em: 31 out. 2014.

MATSUMOTO, André Suehiro; MACEDO, Adriane Roberta Ribeiro. Método descritivo-sociolinguístico: oralidade e regionalismos na região de Dourados/MS. *Boitatá*, Londrina, n. 11, p. 16-27, jan./jul. 2011. Disponível em:

<<http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.com.br/site/arquivos/revistas/1/andre%20e%20adriane.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2014.

PRADO Jr., Bento. Erro, Ilusão e loucura. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 111-134.



RACIONAIS MC'S. *Artigo 157*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/artigo-157.html#ixzz3I8DQsN4E>>. Acesso em: 29 out. 2014.

SANTOS, Ligiane Pessoa dos. Os jogos de linguagem na propaganda televisiva de cerveja “bar da boa” como proposta de produção textual - uma abordagem com base na contribuição de Wittgenstein para a filosofia da linguagem. In: *V Congresso Internacional de Filosofia e Educação – CINFE*. Caxias do Sul, 2010. Disponível em:

<http://www.ucs.br/ucs/tp/cinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico8/OS%20JOGOS%20DE%20LINGUAGEM%20NA%20PROPAGANDA%20TELEVISIVA%20DE%20CERVEJA.pdf>.

Acesso em: 26 out. 2014.

SEGURA, Luciano. Código das Celas: A gíria que saiu da marginalidade para dominar as ruas e a mídia. Disponível em: <<http://stellabortoni.com.br/index.php/artigos/1148-ioiigo-ias-iilas-a-giaia-qui-saiu-ia-maagioalii-iaii-paaa-iomioaa-as-auas-i-a-miiaa> 31/11>. Acesso em: 29 out. 2014.

TORREZAN, Marlene. Wittgenstein e os 'jogos de linguagem': novas perspectivas para o conceito de educação. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 18, n. 34, p. 159-176, jul./dez. 2000. Disponível em:

<[file:///C:/Users/Maicon/Downloads/10455-31378-1-PB%20\(1\).PDF](file:///C:/Users/Maicon/Downloads/10455-31378-1-PB%20(1).PDF)>. Acesso em: 27 out. 2014.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Petrópolis: Vozes, 1994.

Resumen: *El artículo tendrá como sustrato la exploración de los juegos de lenguaje de Wittgenstein en el rap nombrado Artigo 157 del grupo Racionais MC's. Será examinada la práctica de los juegos en contextos sociales marginales, a través de composiciones narrativas que registran el uso del lenguaje como medio de protección e identificación de estos grupos. Se investigará la dinámica de los juegos, teniendo en cuenta todos los elementos histórico-sociales constituyentes en la construcción y articulación de los códigos lingüísticos. Para ello, será estudiada la teoría filosófica del lenguaje de Wittgenstein, así como bibliografías que estudian las Investigaciones filosóficas del autor, aplicadas en el rap. También serán analizados artículos que investigan las especificidades lingüísticas del entorno seleccionado. Así, este estudio tiene como objetivo evaluar la concepción del lenguaje de Wittgenstein como un elemento protector e identificador de ciertos grupos sociales.*

Palabras clave: Filosofia del lenguaje. Wittgenstein. Juegos de lenguaje.